

## 5

**Referências**

BETTO, Frei; FREIRE, Paulo. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura do povo e a educação popular**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. et al. **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos Antônio. **Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

BIASOTTO, Rosane. **Moradia é Central: inclusão, acesso e direito a cidade**. Rio de Janeiro: Instituto Polis, 2009.

CAROS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do Labirinto II: os domínios do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

COELHO, Ideu Moreira. **A questão política do trabalho pedagógico**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. org. **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto: 1997.

DI CIONE, Vicente. **El desarrollo geográfico desigual, combinado y contradictorio y la dialéctica de los procesos de territorialización política**. GeoBAires, Buenos Aires, n. 23, 2003. Disponível em: <[http://www.geobaires.geoamerica.org/vdc/ap\\_geosociales/ap\\_desarrollodesigual.pdf](http://www.geobaires.geoamerica.org/vdc/ap_geosociales/ap_desarrollodesigual.pdf)>. Acesso em: nov. 2012.

COMITE POPULAR DA COPA E OLIMÍADAS. **Mega Eventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro: dossiê do comitê popular da copa e olimpíadas**. 2012.

FERREIRA, Alvaro. **A cidade do século XXI: a segregação e banalização do espaço**. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vzes, 1983.

\_\_\_\_\_. **Educação: o sonho possível**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. org. **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

GONZÁLES, Sara. **La Geografia escalar del capitalismo actual**. Barcelona: Scripta Nova, v. IX, n. 189, 2005.

GARCIA, Pedro Benjamim. **Educação popular: algumas reflexões em torno da questão do saber**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. et al. **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HALL, Stuart. **The West and the Rest**. In: SCHECH, Susanne.; HAGGIS, Jane (eds). **Development, cultural studies reader**. Oxford (UK)/Malden (USA): Blacwell Publishing Ltda, 2002.

HARVEY, David. **Notes Towards a Theory of Uneven Geographical Development**. In: HARVEY, David. **Spaces of Global Capitalism**. UK/USA: VERSO. 2006, p. 69 – 116.

\_\_\_\_\_. **Condição Pós-Moderna**. 15ª edição. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2006b.

\_\_\_\_\_. Do **administrativismo ao empreendedorismo**: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio. In: **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Anna Blume, 2005.

\_\_\_\_\_. *O espaço como palavra chave*. (in) GEOgraphia vol. 14 n. 28, 2012.

\_\_\_\_\_. *Rebel cites: from the rigth to the city tothe urban revolution*. Lndon: Verso, 2012b.

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1993.

IASI, Mauro. *Consciência e metodologia da educação popular: contribuição a discussão metodológica*. (in) Outro Brasil v.4. Rio de Janeiro, 2010.

LEFEBVRE, Henri. *Le retour de la dialectique: 12 mots clef pour le monde moderne*. Paris, Messidor/Éditions Sociaies, 1986, p. 159-173. Tradução livre: Margarida Maria de Andrade.

\_\_\_\_\_. *O direito a cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. *A produção do espaço*. MARTINS, Sérgio; PEREIRA, Doralice Barros (trad.) Belo Horizonte, (no prelo), [2000] 2006, p.3-37.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Política*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Revolução Urbana.I* Belo Horizonte: UFMG, 2008b.

\_\_\_\_\_. *De lo rural e ló urbano*. Barcelona: Península, s/d.

\_\_\_\_\_, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LUFT, Eulina Pacheco, SOCHACZEWSKI, Suzanna, JAHNEL, Teresa Cabral. As representações e o possível. In: MARTINS, José de Souza (Org.). Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 87 – 97.

MARX, Karl. **O capital: crítica a economia política**. Livro 1: O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3º Ed, 1975.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Tradução: Pietro Nasseti. 2º ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.

MARTINS, José de Sousa. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anônima**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MASSEY, Doreen. **O Sentido global do lugar**. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

MESZÁROS, Istiván. **Filosofia, ideologia e ciência social**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. **Déficit habitacional no Brasil**. Secretaria Nacional de Habitação – Brasília: 2011. 140 p.

NABIL, Bonduki. **Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula**. arq.urb Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: nº1, 2008. Disponível em: [http://www.usjt.br/arq.urb/numero\\_01/artigo\\_05\\_180908.pdf](http://www.usjt.br/arq.urb/numero_01/artigo_05_180908.pdf). Acesso: dez. 2012.

MOORE, Adam. **Rethinking Scale as a geographical category: from analysis to practice**. Progress in Human Geography, n. 32, 2008.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. **A reinvenção da educação: os movimentos sociais como contexto educativo**. In: FREIRE, Paulo. et al. **Vivendo e aprendendo: experiências do IDAC em educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PICKERILL, Jenny; CHATTERTON, Paul. **Notes towards autonomous geographies: creation, resistance and self-management as survival tactics.** Progress in Human Geography, n. 30, 2006.

RESOLUÇÕES DO 8º ENCONTRO NACIONAL DO MNLM, 2009.

RIBEIRO, Maria Clara Torres. **Presentificação, Impulsos Globais e Espaço Urbano. O Novo Economicismo.** Disponível na internet <http://biblioteca.clacso.edu.ar//ar/libros/campus/poggiase/05torres.pdf>. Acesso em: maio 2013.

SAID, Edward. **Orientalism.** In: SCHECH, Susanne; HAGGIS, Jane (eds). **Development, cultural studies reader.** Oxford (UK)/Malden (USA): Blackwell Publishing Ltda, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2006.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço.** Ed. Bertrand Brasil, 1988.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOJA, Edward. **Uma concepção materialista da espacialidade.** In: BECKER, Bertha; COSTA, Rogério Haesbaert da; SILVEIRA, Carmen. **Abordagens Políticas da Espacialidade.** Rio de Janeiro: UFRJ, Departamento de Geografia/Programa de Pós Graduação, 1983.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A teorização sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou: sobre anecessidade de uma “teoria aberta” do desenvolvimento sócio-espacial.** Território, Rio de Janeiro: Laget/UFRJ, n. 1, v. 1, 1996, p. 5-22.

\_\_\_\_\_. **O planejamento e a gestão das cidades numa perspectiva autonomística.** Território n. 8, LAGET/UFRJ, p. 67-100, jan-jun, 2000.

VAINER, Carlos. **As Escalas do Poder e o Poder das Escalas: o que pode o poder local?** In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR. 9. 2001. Rio de Janeiro. *Subtema 1 – Escalas de Poder e Novas Formas de Gestão Urbana e Regional.* Rio de Janeiro: ANPUR, 2001. p. 140-151.

VANEGEM, Raoul. A arte de viver para as novas gerações. São Paulo: Conrad, 2002.

6

Anexo

**Cartilha  
do  
Espaço Criarte  
Mariana Crioula**



## O que é Educação Popular?

Primeiramente, é necessário entendermos como Educação Popular não apenas um conceito acadêmico, mas o que ela realmente é em realização no mundo. Sendo assim, não é um privilégio de um grupo de pessoas que pretendem educar crianças, jovens, adultos e idosos. A Educação Popular existe em várias esferas do cotidiano popular. O que torna importante para nós é sabermos o que esta Educação Popular, desenvolvida num determinado espaço, tem valorizado ou fortalecido, ou seja, quais são os seus princípios? As diversas esferas em que se realizam a Educação Popular promovem diversas educações populares. Minimamente, o que vai nos diferenciar, como mais uma educação popular, é a reflexão da prática educativa e a valorização de determinados princípios em detrimento de outros. Ou seja, queremos dizer que a sociedade do capital também educa popularmente e basta vermos os lugares populares como é o caso da favela e a periferia afastada das cidades que a cada dia internaliza a ideia de que todos que nasceram ali são empreendedores, lutadores, sofredores, felizes e tantas outras coisas. As expressões musicais de lugares populares educam popularmente e quando refletimos sobre os princípios ou valores nas expressões musicais, nos deparamos com valores incompatíveis para a construção de uma outra sociedade e, ao contrário do que pretendemos, reproduz a atual sociedade.

O caso do funk:

*“Eu só quero é ser feliz,  
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci,  
é.  
E poder me orgulhar,  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar.  
(...)  
Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer,  
Com tanta violência eu sinto medo de viver.  
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado,  
A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado.  
Eu faço uma oração para uma santa protetora,  
Mas sou interrompido à tiros de metralhadora.  
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela,  
O pobre é humilhado, esculachado na favela.  
Já não aguento mais essa onda de violência,  
Só peço a autoridade um pouco mais de competência.  
(...)  
Trocaram a presidência, uma nova esperança,  
Sofri na tempestade, agora eu quero abonança.  
O povo tem a força, precisa descobrir,  
Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui.”*

O caso do samba:

*“Eta povo pra lutar, vai gostar de trabalhar  
Nunca vi tão disposto, nunca está de cara feia  
Sempre traz escancarado  
Um franco sorriso no rosto  
Se rola uma "intera"  
É o primeiro a pôr a mão no bolso  
Se um vizinho ao lado está passando  
Por má situação  
Ele faz um mutirão e ajeita a situação  
Então, por que que essa gente que tem  
Não aprende a lição  
Com esse povo que nada tem  
Mas tem bom coração”*

Perguntamo-nos quantas pessoas foram e são educadas por estas músicas de artistas populares? No funk, diz que o pobre tem um determinado lugar. No samba, é um povo que gosta de trabalhar sem questionar as condições deste trabalho. Poderíamos colocar outros exemplos, mas resumir expressões musicais em uma música é reduzir expressões artísticas densas.

Entendemos que fazemos parte de um eixo da Educação Popular que tem seus princípios definidos e reflete constantemente a sua prática. Sabendo que seus princípios estarão sempre em contradição com a sociedade do capital.

A educação popular que nos propomos é, sobretudo, um diálogo, ou melhor, múltiplos diálogos entre o que conhecimento científico vem produzindo ao longo da história da humanidade, principalmente aquele vinculado a perspectiva da classe trabalhadora, e o conhecimento gerado a partir do cotidiano da luta de resistência e transformação.

Parte da dialética entre formação – transformação – formação (F-T-F’) em um movimento em espiral com avanços e retrocessos em direção a emancipação humana. Aliás, esse é um tema fundamental, no qual não concebemos educação popular fora de uma prática libertadora, fora de um projeto de sociedade fundado na classe trabalhadora, passando do imediato a mediado, das necessidades mais urgentes as necessidades mais abrangentes e radicais.

## PRINCÍPIOS:

Os princípios do Espaço Criarte seguem os princípios da cartilha do Movimento Nacional de Luta pela Moradia. A seguir, os princípios que norteiam a educação popular desenvolvida nas ocupações do Movimento Nacional de Luta pela Moradia.

## COLETIVIDADE

Para compreender o princípio de coletividade são necessários os outros princípios (assim também se dá com os outros princípios). O princípio de coletividade é importante apreendê-lo porque, aparentemente, este princípio é a "essência da sociedade" e sabemos que não o é, porque vivemos numa ausência profunda de coletividade. Contudo, a coletividade a que se referem hoje é voltada para a produção de mercadorias onde a aparência da globalização nos dá uma impressão que devido à coletividade conseguimos produzir desta forma. Sendo assim, precisamos definir o que é coletividade para a gente.

O que é coletividade para a gente?

O princípio de coletividade em sua totalidade é incompatível com a sociedade capitalista e, sendo incompatível, ele se torna importante para uma vida em comunidade que pretende construir uma sociedade socialista e como uma crítica à sociedade capitalista que não o suporta. Assim, o princípio de coletividade é importante para contrapor a ideia de indivíduos e para a construção de um coletivo.

## IDENTIDADE PARA UMA AÇÃO POLÍTICA COLETIVA E RECONHECIMENTO DE SUAS RAÍZES E REALIDADE

Em um espaço coletivo como uma ocupação, com um leque imenso de pessoas com diferentes raças, religiões, origens e costumes, o Espaço Criarte atua no reconhecimento das diversidades presentes no cotidiano de cada criança/jovem.

Criar uma identidade com as suas raízes enquanto negro, branco, índio e outras; nordestino, carioca, paulistano, e outros; católico, candomblecista, evangélico, e outras, é fundamental para que os educandos se reconheçam nas suas origens, legitimando sua cultura e descubram a importância do seu papel na sociedade.

Indo mais além, o papel de educador é fazer com que todos e todas possam se identificar e se reconhecer como classe trabalhadora, aproximando os educandos da realidade de um movimento social e da luta por uma outra sociedade.

## EDUCAÇÃO PAUTADA NA LUTA CONTRA AS PRÁTICAS CAPITALISTAS

Competição, consumismo, individualismo, egoísmo, mérito pessoal. Princípios básicos da ideologia capitalista que pautam a prática social em praticamente todas as suas instâncias. Entendemos que tais valores asseguram a reprodução dessa forma de se organizar socialmente e que, portanto, uma educação emancipadora deve romper com tais valores, explorando princípios como a coletividade, o respeito, a auto-gestão, o trabalho, a união e a justiça.

Sendo assim, atividades realizadas por uma educação popular da e pela classe trabalhadora, não devem estimular práticas capitalistas como, por exemplo, aquelas que se baseiem na competição entre educandos ou educadores ou que privilegiem os envolvidos por mérito individual. Já atividades que priorizem o trabalho coletivo e o respeito pelos indivíduos são caminhos para a educação popular libertadora.

## LUTA PELO SOCIALISMO E REFORMA URBANA

Acreditamos que uma educação libertadora que rume na direção da emancipação humana não pode estar desvinculada do movimento revolucionário, da superação da sociedade capitalista, do fim da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem, pois somente com a superação destas podemos construir a possibilidade de humanização do homem, ou seja, dar asas a sua plena realização.

Para nós, esse novo mundo passa pela luta pelo socialismo, a luta da classe trabalhadora. Essa luta que assume cada vez mais contornos urbanos, passa pelo cotidiano das famílias, suas necessidades mais urgentes, seus desejos mais profundos, em uma cidade cada vez mais regida pelo tempo da mercadoria, onde o direito à cidade (ao tempo livre, moradia, educação, saúde, trabalho, etc) está subordinado à mercantilização do espaço, restrito a uma minoria que pode pagar.

É nesse contexto de cidade que se insere a nossa prática pedagógica, como um grito, que é tanto das demandas da classe trabalhadora, como uma resposta à crise da vida cotidiana na busca pela reforma urbana que garanta o direito à cidade e contribua para a construção da sociedade socialista.

## QUESTÃO DE DIVERSIDADE E RESPEITO

Entendemos que na sociedade em que tudo vira mercadoria (afinal de contas querem que acreditemos que todos nós temos um preço) a relação do indivíduo com o restante da sociedade não poderia ser outra senão de estranhamento. Em outras palavras, a concorrência de trabalhadores no mercado de trabalho, o "tempo de vida" cada vez mais consumido pelo "tempo de trabalho", o consumo como único horizonte de satisfação pessoal (trabalhamos cada vez mais para comprar isso, comprar aquilo acreditando que assim seremos felizes!), faz com que os indivíduos se reconheçam cada vez menos uns nos outros; cada dia que passa somos menos companheiros e mais adversários.

Nos fechamos em nossas vidas privadas, os círculos sociais são cada vez mais restritos na busca desesperada de encontrar alguém que possamos nos identificar. Nossas diferenças são apropriadas pelo mercado (seja pelo mercado cultural ou pela exploração do trabalho de mulheres, negros, etc) ou são vistas como algo que agride a nossa individualidade, a nossa afirmação enquanto pessoa.

É assim que podemos compreender que crianças nascidas do ventre da classe trabalhadora e criadas em berços construídos pela luta popular reproduzem as mais injúrias discriminações e preconceitos de nossa sociedade. Nesse sentido, é imperativo para nós a desconstrução de todo e qualquer desrespeito às particularidades de cada indivíduo e construir uma realidade social na qual a diferença não seja um limite entre nós, mas sim, o complemento.

## VALORIZAÇÃO DO TRABALHO E DA CLASSE TRABALHADORA

Porque não existe sociedade sem trabalho.

Porque apesar da aparência não mostrar a importância do trabalho (por motivos ideológicos) tudo que nos rodeia é fruto do trabalho.

O povo português colonizador do território que hoje chamamos Brasil, tinha total aversão ao trabalho manual, entretanto, não sentia constrangimento em se apoderar do trabalho produzido pelos outros, de certa forma carregamos ainda hoje um certo ranço dessa forma de pensar. Contudo, esse traço chega até nós, os que trabalham, em forma de alienação, pois, nosso trabalho não nos dá a possibilidade de usufruirmos dos benefícios que produzimos e achamos que isto seja justo, natural e normal, afinal não foi sempre assim?

A desvalorização do trabalho passa, intencionalmente, pela desvalorização da classe trabalhadora. Virar o jogo é tarefa daqueles que lutam por uma sociedade justa, diga-se socialista. Construir com a classe trabalhadora conscientemente o seu valor e orientá-las à percepção de que seu esforço deve ser revertido em seu benefício, em forma de satisfação pessoal, remuneração adequada, tempo dedicado ao trabalho que oportunize atividades de lazer, cultura e militância, são algumas das conseqüências ocasionadas com a valorização do trabalho e se tornam pautas de lutas quando os trabalhadores se conscientizam disso.

Tão importante quanto o reconhecimento do trabalho formal, cabe também aos que buscam construir essa sociedade justa, reconhecer que, para que essa sociedade se construa, um tipo de entendimento sobre trabalho deve ser valorizado, aquele que reconhece trabalho como “toda atividade útil”, pois, dessa forma todos e todas entenderão que são importantes nessa construção e que dedicar parte de seu tempo livre na construção dessa sociedade também é trabalho.

Assim em um coletivo como uma ocupação, o companheiro/a que trabalha na portaria ou na manutenção e limpeza do prédio é tão importante quanto os que ocupam os quadros de direção; se conseguirmos enxergar essa certeza nos trabalhadores de uma ocupação, é sinal que estamos, enquanto coletivo, superando a visão individualista e mesquinha, tão cara à sociedade burguesa, e caminhando para vivência de uma solidariedade fértil, fundamental para os socialistas.

## EDUCAR-SE PARA EDUCAR PELO DIREITO À CIDADE

O Espaço Criarte, enquanto Núcleo Pedagógico do MNLM, tem como lema “educar-se para educar pelo direito à cidade”. Acreditando numa prática pautada na pedagogia da libertação - propondo uma educação crítica que incentive o questionamento e o debate, a serviço da transformação social - entendemos a importância da troca entre educandos e educadores. Para se atingir uma verdadeira pedagogia libertadora, é primordial a compreensão de uma relação horizontal entre educandos e educadores, em que ambos se tornam professores e alunos.

Uma verdadeira educação crítica não pode ser estabelecida sem a autocrítica também por parte dos professores. Daí a necessidade de que os educadores envolvidos entendam que o aprendizado deve ser constante e ilimitado, portanto, a busca por conhecimento é permanente. A educação crítica se mantém em movimento da mesma forma que o mundo.

Outro fator importante a ser considerado é o meio em que se vive, nesse caso, a cidade. Não se pode modificar a realidade sem compreendê-la. Dessa forma, o papel do educador é também discutir a cidade em que se vive, dentro da realidade na qual os educandos estão inseridos, buscando uma prática transformadora através da educação pelo direito à cidade.